



Director literario:  
*Antonio Correia de Sa*  
PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

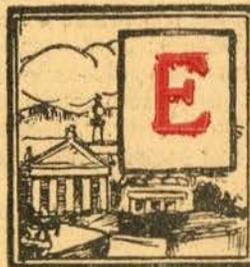
Director artistico:  
*Eduardo Malta*  
PAPUSSE



# HISTÓRIA DE UM CÃO

Por ANTONIO CORREIA DE SA'

Desenhos de EDUARDO MALTA



ERA um magnifico cão o Sado. Tinha sido comprado, ainda de mama, a uma linda cigana, que andava pelas portas a vender cachorros de raça. Henrique, o filho do proprietário mais rico de Castro Alvo, viu-o e ficou encantado com êle.

Chamou a cigana e perguntou-lhe quanto queria. pelo cãozinho. Muito barato, senhor! uma libra.

Uma libra! por um cão tão pequeno!

Não posso vender por menos é duma raça muito fina.

Espere aí que eu vou vêr se o meu pai mo compra. E, pegando no cão, deitou a correr com êle através das floridas alamedas do jardim. O rico proprietário estava sentado ao fundo da quinta, numas seixas revestidas de azulejo azul e branco, colocadas de espaço a espaço entre altos e bem cuidados alegretes. Vendo aproximar-se o filho, mal podendo com o cão que, apesar de novinho, era grande e gordo, perguntou-lhe:

—Onde fôste arranjar êsse bonito cão?—Passou na estrada uma cigana a vendê-los e eu, achando êste





muito lindo, chamei-a para pedir ao pai que mo comprasse.

—Quanto quer ela pelo cão?

—Uma libra.

—Não é caro, porque é de boa raça,

E, abrindo a bolsa, tirou a quantia pedida que entregou ao filho, dizendo: Ficas com êle enquanto o tratares bem; mas se eu o vir mal tratado, perdes o direito ao cão. E' este o nosso contracto...

Que eu tratarei de respeitar para não perder tão bonito animal.

—Põe-no sôbre essa seixa.

—O que vem a ser seixa?

—Esse banco metido no muro, igual a êste em que estou sentado. Em casa da tia Leonor há isto nos vãos das janelas. Em todas as casas antigas isso é vulgar. Bem deixa a' o cão e vai pagar à mulher.

Henrique correu a satisfazer a ordem do pai. A cigana retirou-se contentíssima porque pedira uma libra e estava resolvida a entregar o cãozinho a trôco de 2 escudos. Depois, voltando para junto do pai, perguntou-lhe:

Que nome lhe havemos de pôr?

Sado, que é o nome do rio que banha a nossa terra.

Nos primeiros dias, não houve cuidado que Henrique não dispensasse ao seu cão; depois, a pouco e pouco, enfastiou-se d'êle e, embora tivesse amizade

ao animal, não era a necessária para ter paciência de o tratar.

Então o pai, chamando-o, repreendeu-o:

Faltase à nossa combinação: o cão anda mal cuidado e, de hoje em diante, é meu. Henrique desatou a chorar, pedindo-lhe que lhe não tirasse o seu querido amigo. O pai, então, disse-lhe:

Pois bem, por ser a primeira vez, perdoo; mas se te vejo reincidir em não teres para com o animal os cuidados que deves ter, escusas de pedir. E' maldade, quasi próximo do crime, querer possuir seres vivos maltratá-los.

Desde êsse dia, Sado foi um rei pequeno. O seu dono não havia meiguice que lhe não fizesse.

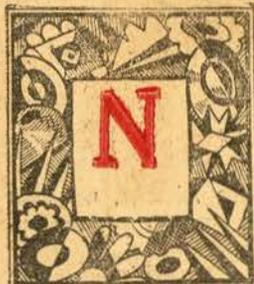
O animal, que era reconhecido, tinha por êle uma grande afeição.

Henrique cresceu e tornou-se um homem.

Andando um dia à caça, caiu e, deslocando um pé, achou-se privado de poder regressar a casa.

Estava só com o seu fiel companheiro num pinhal longinquo onde raras vezes, aparecia alguém, a não ser nas ocasiões de cortar madeira. Nos primeiros momentos não soube que fazer, mas, depois, lembrando-se da rara inteligência de que Sado tinha dado provas, mais duma vez, arrancou uma folha da carteira e, escrevendo umas palavras, pôs o papel, atado com o lenço, na coleira do cão, repetindo-lhe mais duma vez: Vai a meu pai. O Sado fitou-o, agitou a cauda e partiu correndo. Um quarto de hora depois, seu pai,





UMA pitoresca aldeia do Minho havia um abade, gordo, roliço e sadio, como a maioria dos abades, que vivia num bucólico passal que se compunha de pomar, horta, olival e vinha e um pequeno jardim, tratado com esmero pelo abade e pela sua criada, uma anafada minhota, com saia de vivas côres, colete bordado a missanga, camisinha alva de neve, apertando com um pequeno botão os pulsos grossos e vermelhos da sanguínea môça. A casa do passal era tôda caiada e cingida por lindas trepedeiras, que se espreguiçavam pelas paredes, na ância de alcançarem as janelas. Tinha um balcão exterior de rijo granito, tôdo enfeitado de ossos, de caixotes de sabão e metades de cântaros velhos onde desabrochavam as mais variadas flôres, frescas e garridas como a Maria das Dôres, que assim se chamava a simpática criada do sr. abade. Era ela uma excelente cosinheira, fazia os melhores petiscos, com o que muito se orgulhava o sr. abade.

Nos dias de festa na aldeia, ou de officios pelos mortos — o chamado bem de alma — vinham muitos padres jantar ao passal.

Era, então, um dia de triunfo para a Dôres, como familiarmente a chamavam na terra. A sobremesa havia sempre calorosos brindes à cosinheira, e ela vinha à sala muito vermelha do calor da lareira, de olhos baixos, com vergonha de tantos elogios. Mas tinha de ser. O abade, então, para a animar, dizia-lhe: — «Não te acanhes, rapariga, olha-me di-

reita para elles e diz-lhes: — bem hajam, meus senhores! Tô da a gente sabe que tu és a melhor cosinheira dêstes sitios. E os padres ouvindo esta afirmação, exclamavam com entusiasmo: Viva a Dôres! à saúde da Dôres! e tôdos esvasiavam os seus copos, rindo muito, as faces rubras e os estômagos repletos do clássico salpicão e alheiras, do leitão de espêto e do tradicional arrôz doce de ovos, prato obrigado nas mêsas do Minho. Os dias corriam no passal sem uma nuvem doméstica. O sr. abade era um santo homem, tirando o seu chapéu a tôda a gente e tendo sempre uma palavra afável para os seus paroquianos. Os pobres tinham nele um grande protector e os ricos um bom amigo.

Vivia bem o nosso abade, que a freguesia rendia muito. Ele não era gastador e a Dôres, uma bela governante, criava um bom pôrco e muitas aves, que punham muitos ovos. Fazia inveja aquela linda capoeira. Perto da casa, porém, havia uma vizinha, mulher de má língua, invejosa e interesseira, a quem a Dôres costumava chamar na ocasião da matança do pôrco, dos grandes jantares e quando, finalmente, não podia com o serviço tôdo. Esta mulher, invejosa daquele viver feliz, da abundância e conlôrto, confrontava-o com o seu de miséria e tortura e sentia uma raiva surda contra a Dôres, a quem nada faltava desde os melhores cordões de ouro, às mais pesadas arrecadas, que tão bem diziam naquela cara vermelha e luzidia.

A tia Mônica, como era conhecida esta vizinha, tinha pouco amôr ao trabalho. O seu divertimento predilecto era estar sentada ao sol e saber as vidas alheias. Era a verdadeira mulher de má língua, que ha nas aldeias, tão perigosa, como detestada por quantos a conheciam. Um dia pensou ela em pregar uma partida à Dôres, mas da qual ficasse impune; e, assim, aproveitando a oportunidade da criada do abade estar sentada no balcão a fiar, começou desta fórmula

DESENHOS EM

o seu ardil, dirigindo-se nêstes termos à rapariga: «Bóas tardes, Dôres!

— Viva lá, tia Mónica! Então já vai para casa tão cedo? respondeu a Dôres.

— Olha, minha filha, tornou a Mónica, lá diz o ditado, bõa viagem faz quem em casa está em paz.

— Nessa creio eu, tia Mónica, disse a Dôres, a mim não me chega o tempo para ir ao soalheiro, mas, mesmo que chegasse, cruzes canhoto! antes queria deitar-me a dormir, nem ouvia nem contava.

— E olha que fazias bem, retorquiu a velha; eu deixo-as falar a elas: dizem, dizem... e a minha bõca é sagrada! levantam testemunhos a tõda a gente e Deus me perdõe se elas não estão já no inferno a arder! Livra!

— Maria das Dôres, para cortar a conversa, que nada lhe agradava, propõz-lhe: O' tia Mónica, quere vocemecê vir comigo à capoeira deitar a ceta ao meu ganan? — Vamos lá filha; gosto muito da tua criação, porque não há outra igual cá na aldeia. Quando a mandas vender à feira, em se dizendo que são galinhas do sr. abade, nem já regateiam, dão tõdo o dinheiro por elas. A capoeira ficava perto da cozinha. Uma extensa rêde de arame vedava a passagem das aves para a horta e era muito interessante vêr agitar aquela multidão de penas de cõr baça, excepto as penas do galo, um pimpão de respeito, dum amarelo dourado de tons vermelhos, que, quando lhe dava o sol, parecia um oficial do exercito em dia de grande gala.

A tia Mónica, cobiçada daquele apetitoso bando, exclamou:

— As tuas galinhas só teem um defeito!

— Um defeito?! respondeu a Dôres, alarmada! Qual é o defeito que vocemecê encontra nêstes animaisinhos, que são tão espertos, que só lhe falta falar?

— Pois é esse defeito mesmo que elas têm: não falam.

— Vocemecê, tia Mónica, disse Dôres formalizada, com certeza que está a brincar comigo! Então já viu galinhas a falarem?! A velha olhou para tãodos os lados, com ares de mistério, e começou assim:

— Juras, Dôres, pela saude do sr. abade, que não dizes a ninguém nada do que eu te disser?

— Juro, sim, senhora.

— Então ouve: Eu tenho o dom de ensinar tãodas as aves

a falar como nós, mas não o digas a ninguém, para que me não tomem como bruxa. Se tu e o sr. abade quizerem, eu ensino estas galinhas a falar em pouco tempo, porque são muito finas. — Maria das Dôres ficou radiante com a idéa de que viria a conversar com as suas galinhas como com outra pessoa qualquer e ingenuamente acreditou na astuciosa Mónica, que gosava com o entusiasmo da rapariga, que gritava em altos brados:

Ai que bom! as minhas queridas pintinhas a falarem! Em tendo fome, ou em pondo ovo, chamam logo por mim! E eu vou logo a correr; que engraçado! O' tia Mónica! Eu nem sei o que lhe dou, se me põe as minhas galinhas a falar! E batia com as mãos, um entusiasmo infantil.

A noite, ao regressar o sr. Abade, da sua missão sacerdotal, Dôres obteve dele licença para as galinhas aprenderem a falar, licença que ele concedeu gostosamente, tão convicto como a criada, de que em breve tempo conversaria com as suas galinhas. Maria das Dôres quasi não dormia, para se levantar muito cedo e chamar a tia Mónica a vir dar as primeiras lições ás galinhãs. A astuciosa velha ficou admirada do sr. Abade, um homem que tinha estudos, acreditar naquele grosseiro ardil, que ela tinha inventado para ser impingido apenas à criada. — O' tia Mónica, gritava a Dôres, venha cá depressa, faça favor!

A Mónica veio a chinelar pelas escadas a cima e a rapariga disse-lhe tãoda contente: Venha cá dar a primeira lição ás linhas, que o sr. Abade já deu licença.

— Não, minha filha, respondeu-lhe a velha, aqui não as posso ensinar. Ajuda-me a levá-las lá para casa: dás-me três alqueires de milho para começar e, quando elas souberem falar bem, cá t'as trago.

(Continua na página 8)



# PARA OS MENINOS E MENINAS RECITARE



## A NINI

A' menina Maria Elisa Pedroso Rosa Rodrigues

◆ Por CARLÓFER ◆

Talvês a Maria Elisa  
Não conheça esta petiza...  
Pois digo-lhe que é de truz!  
A família vê-se louca,  
Sempre de credo na bôca,  
Num permanente «ai Jesus!»

Consta que ainda de mama,  
Por sua causa a pobre ama  
Em palpos de aranha andou;  
Lépida como uma enguia,  
Do regaço lhe fugia...  
Muito trambolhão levou!

A uma irmã de dois meses,  
Gentilmente, ia, por vezes,  
A Nini acalentar;  
E como gostava dela,  
Certo dia à mordedela  
Terno amor lhe quiz mostrar.

Brinquedo que apanhe a geito  
Num pronto fica desfeito;  
Analisar tudo quer;  
Já duma boneca fina,  
De cartão, foi assassina:  
Matou-a... com um clister!

A toda a obra felpuda,  
Ou criança guedelhuda,  
Tem singular aversão;  
Há tempos a uma garota  
Brincando, a grande marota,  
Muda a cabeça em melão!

Da mãe recebeu encargo  
De vêr o pêso dum pargo  
Trazido pelo freguês;  
Consulta o metro e, vaidosa,  
Grita em voz estrepitosa:  
— Quarenta por vinte e três!

Um dia foi obrigada  
A estudar a tabuada,  
Sujeita a duro rigôr;  
No final, enfurecida,  
Com um tiro — que atrevida! —  
Quiz varar o professor!

Doutra vez entra na classe,  
Fresquinha como uma alface,  
A cantarolar e a rir;  
Vendo o mestre, de ar severo,  
Pernas para que vos quero!...  
Desata logo a fugir.

Certa manhã, no lavabo,  
Pula, trepa, tem diabo,  
Nada ali fica de pé;  
Ao subir a um biombo,  
Parte vidros, dá um tombo,  
Põe-se a chorar... no bidé!

Nos mainéis monta a cavalo,  
Cucurita como o galo,  
Tenta dar saltos mortais;  
Sobe a escada às arrecuas,  
Lembra um gaiato das ruas,  
E' uma espanta-pardais!

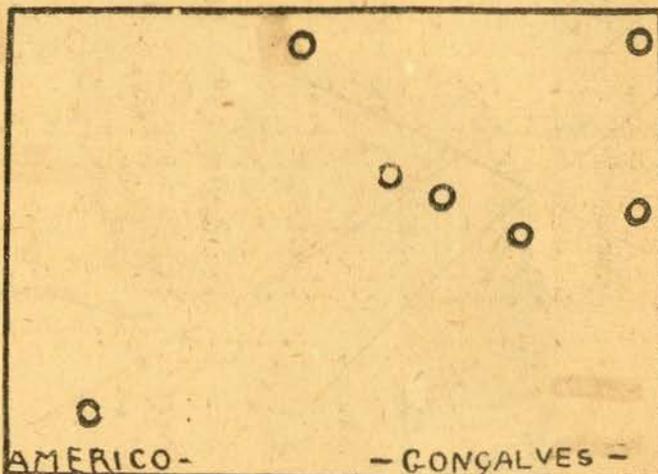
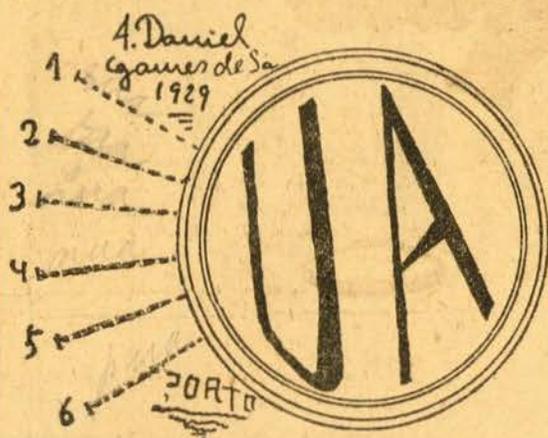
Vendo-a, porém, tão galante,  
Rosto alacre, insinuante,  
— Aurora deixando o véu —  
Qualquer pessoa indefesa,  
Há-de, por tanta beleza,  
Julgá-la anjinho do céu.

Agora com seriedade:  
Coração de igual bondade  
Não o vislumbro em ninguém;  
O sestro da travessura  
Mais doce torna a brancura  
Da linda alma que tem!

# HORA DO RECREIO

## ADIVINHA

## PROBLEMA



Juntar a terminação UA uma letra, de forma a constituir palavras com os seguintes sinónimos: — 1 caminho — 2 pronome possessivo — 3 satélite da Terra — 4 não está vestida — 5 pronome pessoal — 6 peça de ferramenta.

Tracar 3 rectas, de maneira a separar as bolas uma a uma.

Solução da adivinha anterior

Lituania — França — Alemanha — Rússia — Polónia — Austria — Albânia — Romaniaa — Portugal — Itália — Espanha — Inglaterra.

## Desenho para se traçar e colorir





(Continuado da página 4)

A criada do abade não se fez rogada; agarrou as galinhas todas, com grande reboliço na capoeira, foi à tulha buscar o milho preciso e lá foi com a Mónica levar as galinhas para casa desta última, que se riu, à sucapa, daimbecilidade do abade e da criada.

Passou-se mais dum mês sem que Mónica aparecesse em casa do abade, que um dia, estranhando a ausência de Mónica, perguntou por ela e pelas galinhas.

— Olha lá, ó Dôres, as nossas galinhas já falarão?

— Não sei, sr. Abade, a tia Mónica ainda não apareceu desde que as levou, mas amanhã hei-de procurá-la para saber se elas já sabem dizer alguma coisa.

— Pois sim, não te esqueças, redarugiu o sr. Abade, e foi dormir a sesta. No dia seguinte, pela manhã, Maria das Dôres perguntou a Mónica pelas galinhas. A velha subiu o balcão, entrou para a cosinha e disse-lhe: — Nosso Senhor nos dê muito bons dias.

— Bons dias, tia Mónica, respondeu Dôres. Desculpe chá má-la tão cedo, mas estou com curiosidade de saber se as minhas galinhas já falam.

A velha coçou a cabeça, apertou o lenço pausadamente, pôs as mãos na cintura, soltou um fundo suspiro e começou assim:

— Já falam, já, filha, mas mais valia que estivessem caladas...

— O quê?! que diz você?! Então porque as não trás?

— Eu que as não trago é porque tenho as minhas razões... e, olhando para todos os lados, disse: aqui para nós, que ninguém nos ouve... se eu soubesse o que sei hoje... (o que elas me disseram!) eu não me oferecia para t'as ensinar a falar!

— Mas então o que é que elas dizem?! perguntou Dôres, desapontada com tanto mistério e rodeios.

— Não t'ó posso dizer. Coisas íntimas que não me atrevo a repetir. Tu vais lá a casa, e, em as ouvindo, já sabes o que elas dizem. Eu bem as mando calar... mas teem uma língua...

A Dôres ficou triste e preocupada com as palavras da Mónica. Serviu o almoço ao sr. Abade, silenciosa e pensativa a tal ponto que o Abade lhe perguntou: O que tens tu, rapariga? Morreu-te alguém?

— Não sr. Abade, graças a Deus: recebi uma nova que eu não espereava: maldita idéa de mandar ensinar as galinhas a falar?

— Pois então que aconteceu, inquiriu o Abade?

— A tia Mónica, respondeu a Dôres, não trazia as galinhas e vai eu... perguntei por elas...

— E o abade, impaciente: — Vá e depois? o que aconteceu ás galinhas?

— A elas não aconteceu nada, sr. Abade... E torcia o avental nas mãos, numa atitude de condenada. A tia Mónica ainda as não trouxe, porque diz ela que as galinhas falam... mas... nem ela me quer repetir o que elas dizem. Coisas íntimas... sr. Abade. Não foi difícil ao sr. Abade adivinhar o que as galinhas diziam, e, receioso da tagarelice indiscreta das aves, deu as seguintes ordens à criada.

— Bem, bem, diga a senhora Mónica que eu lhe dou as galinhas todas, com a condição de não repetir a ninguém uma só palavra das que elas dizem. Que as coma, que as não quero cá em casa. E não falemos mais nisso.